2007.

PONTE, J. P. da, et al. Investigações Matemáticas na Sala de Aula. 2° edição. Belo Horizonte: Autêntica Editora. 2009

DIFICULDADE DE APRENDIZAGEM:

DIFICULDADE DE APRENDIZAGEM DE ACORDO COM NÍVEIS DE ESCRITA

KELLI CRISTINA MACEDO DA SILVA

RESUMO

Os níveis de escrita demonstram o processo de aprendizagem que o aluno desenvolve de acordo com sua bagagem cultural, seu contexto histórico indica um ser que vai para o ambiente escolar com um prévio conhecimento e necessita de estímulos para o aprimoramento da escrita. Com a ajuda de coordenadores e professores, através de seus depoimentos, relatórios e diagnósticos, desenvolvemos intervenções à alunos que apresentavam dificuldade de aprendizagem ainda no segundo semestre do ano vigente, na disciplina de português, visando a qualidade no processo de alfabetização, criando técnicas próprias e aprimoradas em um contexto lúdico, seqüenciado e dinâmico baseado no sócio interacionismo e construtivismo. Apesar desses dois últimos termos apresentarem-se ricamente em teoria no espaço educacional, a tradição que leva em conta valores silábicos ainda é um ponto muito forte trabalhado entre os professores que fizeram parte dessa pesquisa. Os diversos gêneros literários, os jogos, a ajuda da tecnologia ....constituiram práticas pedagógicas que fizeram das intervenções o caminho do sucesso e que ainda precisa ser continuada e propagado ao alunos com dificuldade sendo cada dia mais adequados as situações que serão apresentadas.

Palavras-Chave: Intervenção; Dificuldade; Construtivismo; Sócio Interacionismo

INTRODUÇÃO

Dificuldades no processo educativo tem se apresentado vastamente nas escolas, de diversas origens. Considerando a escrita uma forma de comunicação expressada em palavras e difundida entre a sociedade, grupos de pessoas, o estudo teve por objetivo melhorar o entendimento para a construção de palavras, consequentemente a formação de frases, resultando em criações de textos que expressem uma forma direta de comunicação de acordo com gêneros textuais apresentados, embasados por uma sequência didática.

A importância do instrumento de pesquisa procura propiciar aos alunos em função de seu interesse a construção de um comportamento crítico expressado pela escrita e leitura, maior autonomia, uma dedução de leitura ainda que não convencional, portanto, aguçar seu pensamento lógico, com verificações e conclusões de acordo com o que conseguiu entender, permitindo a otimização de seu aprendizado, envolvendo-o em um universo de participação ativa , seja na escola, seja em família.

De acordo com Ferreiro e Teberosky “(...) não se trata de transmitir um

conhecimento que o sujeito não teria fora desse ato de transmissão, mas sim de fazer-lhe cobrar a consciência de um conhecimento que o sujeito possui, porém sem ser consciente de possuí-lo" (FERREIRO, TEBEROSKY, 1991, p.24).

Desta forma as relações estabelecidas entre a leitura e a escrita tornam-se um instrumento de ensino onde a prática se dá a partir da necessidade real da comunicação, tornando a realidade do aluno significativa as suas necessidades.

A pesquisa em suma aborda a metodologia do construtivismo e, quando é valorizado o conhecimento do aluno, introduzindo-o em um mundo familiar, onde será possibilitado uma situação ativa do ser em processo de aprendizagem.

Segundo Maria Irene (2008, p.22)

O enfoque psicopedagógico alerta para a necessidade de uma visão de todo, ou seja, tanto os fatores intervenientes, como as condições internas e externas do processo de aprender, são significativos para a compreensão da realidade de alunos considerados como problema de aprendizagem.

Este estudo de caso eu ouvi qualquer coisa sobre não por este dizer mas não tenho certeza kelly sobre Dificuldade de Aprendizagem foi desenvolvido com quatro alunos que cursam o 1º e 2º ano do ensino fundamental de quatro Escolas Municipais de Ensino Fundamental (EMEF), situadas na zona leste da cidade de São Paulo.

A escolha dos alunos se deu devido a uma manifestação insatisfatória das professoras, que comentaram sobre o insucesso pedagógico mediante comparações de níveis a serem alcançados de acordo com projeto político pedagógico das escolas, proposta curricular estabelecida pela prefeitura e experiência profissional dos professores conforme ciclos de aprendizagem. Henrique, matriculado no 1º ano, apresentava hipótese escrita de nível silábico sem valor sonoro, Agatha também no 1º ano silábica com valor sonoro, Eloisa estava na hipótese pré silábica, estando no primeiro ano, e Julia matriculada no 2º ano, apresentava a hipótese silábica com valor sonoro, todos cursando o 2º semestre de 2017.

Em primeiro momento realizamos uma sondagem com cada criança, para constatação de hipótese de escrita.

Com a confirmação do nível de escrita, e o consentimento da professora, iniciamos nosso trabalho de Dificuldade em Aprendizagem.

Todas as atividades foram planejadas com palavras de repertório vocabular do aluno e detectadas em conversas informais anterior a cada intervenção.

As atividades de intervenções foram desenvolvidas de uma forma lúdica, com jogos e pessoas que fazem parte do cotidiano do aluno para que seu conhecimento fosse despertado, e não apenas transmitido, integrando-o como sujeito ativo do processo ensino aprendizagem.

Mediante expectativas expostas pelas professoras, foram realizadas seis intervenções na atual situação objetivando o avanço de nível de escrita dos alunos e trabalhados de acordo com constatações percebidas no decorrer de atividades propostas, Em seguida às apresentamos as professora, as quais concordaram em

aplicá-las em sala de aula como forma de aprendizagem tanto dos alunos como também forma de orientação de estágio.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

No ano de 2016 de acordo com dados registrados da Avaliação Nacional de Alfabetização (ANA), o nível de leitura de alunos dos terceiros anos, apresentam uma baixa porcentagem, revelando que 33,95% dos estudantes ainda estão nos níveis insuficientes de leitura, são várias as fundamentações que levam a crer que o índice de alunos que apresentam dificuldade em aprendizagem não é um processo unicamente escolar, mas pode também podem derivar de problemas familiares e sócio econômicos. O ambiente onde a criança vive tem um papel importantíssimo no processo de alfabetização, por isso, o professor precisa investir para que a sala de aula, assim como todo o espaço da escola, propicie novas descobertas no processo de construção do conhecimento.

Segundo Garcia o ambiente em que a criança vive, mesmo que sem intenção direta, termina promovendo sua educação. Na convivência diária, a criança aprende valores, normas de comportamento, tipos de relações, informações sobre o mundo, em suma, um ambiente alfabetizado, alfabetiza.

Com o objetivo de encontrar soluções para os problemas da dificuldade em aprendizagem, o ponto de partida para sondar os conhecimentos prévios dos alunos em questão, foi baseado nas hipóteses de aprendizagem de Emília Ferreiro, onde a hipótese silábica é uma construção original da criança, que por sua vez, não pode ser atribuída a um ensinamento por parte do adulto. Pode coexistir com formas estáveis aprendidas globalmente, e também pode aparecer quando não tem letras escritas.

Considerando que o aluno chega à unidade escolar com conhecimentos prévios, afinal é difícil imaginar que uma criança que cresce em um ambiente urbano, só terá o seu primeiro encontro com textos ao ingressar na escola, as sondagens realizadas indicam o nível de conhecimento de cada criança, e a partir de então o professor poderá desenvolver atividades que orientarão a evolução do conhecimento de seus alunos.

Segundo Teberosky e Colomer (2003, p.98)

No entanto, devemos ressaltar que, do ponto de vista educativo, sempre se tenta trabalhar ou partir de uma unidade com significado, a partir da qual se trabalham as subunidades que a compõem. Por exemplo, listas de nomes de animais, listas de compras, listas de ingredientes de uma receita. Faz-se, também, que essas unidades sejam trabalhadas por todas as crianças, ainda que cada uma delas o faça de maneira diferente, em função de seu nível de conhecimento.

As atividades desenvolvidas com os alunos levaram em consideração o contexto social, e os conhecimentos prévios dos alunos, visando não só a exploração deste contexto, como também a ampliação do mesmo.

Através da investigação do conhecimento prévio da criança, atividades e práticas trabalhadas anteriormente pela professora regente, possibilitando assim,

a ampliação dos conhecimentos, procurando diminuir a defasagem no sistema de escrita alfabética permitindo ao aluno a evolução nas suas hipóteses de escrita.

O trabalho foi elaborado numa perspectiva onde o propósito foi ampliar os conhecimentos pré-existentes dos alunos, para que a prática da leitura e da escrita se tornasse um ato prazeroso.

Segundo Barbosa (1994, p.118)

O saber prévio, a antecipação tanto da forma como do conteúdo da escrita, é fundamental no ato de ler. Quando a leitura se torna um ato voluntário, determinado pelas preocupações e por um saber prévio, quando o leitor utiliza todos os recursos visuais e não visuais, num diálogo entre o que está adiante e atrás dos olhos, então a escrita torna-se um meio de comunicação de eficácia notável.

Independente do meio em que o aluno esteja inserido, apropriar-se da leitura e da escrita como forma de comunicação social, é um processo, que estabelece relações eficazes, notáveis e prazerosas em qualquer contexto sócio-econômico. Fazendo assim com que a aprendizagem aconteça através da construção de novos saberes, aliados aos conhecimentos prévios e a significação social do indivíduo.

As dificuldades de aprendizagem no processo de alfabetização, não devem ser justificadas como influências do meio sociocultural no qual o aluno está inserido, pois as dificuldades neste processo são normais e devem ser tratadas e resolvidas com a elaboração de estratégias para ser trabalhar dentro da sala de aula, de maneira que não venha estigmatizar o aluno pelo meio no qual está inserido.

Segundo Barbosa toda criança tem um repertório de conhecimentos, que ao longo da vida, são acumulados e organizados. Esse repertório de conhecimentos funciona como um esquema de assimilação, que a ajuda na teoria explicativa do mundo que a cerca. Desta forma, quando a criança se depara com algo novo, ela se mobiliza, fazendo uma relação entre o seu repertório de conhecimentos, a estrutura cognitiva e o novo estímulo a ser aprendido.

Cabe ao professor organizar um ambiente rico em elementos escritos, provendo assim suas salas de aula com diferentes materiais, materiais estes, não apenas escolares, mas também materiais reais, da forma como se apresentam fora da sala de aula.

Segundo Teberosky e Colomer “Criar um contexto de cultura escrita significa dar oportunidade para que as crianças atribuam significados ao que está escrito, conforme suas diversas competências” (TEBEROSKY, COLOMER, 2003, p.105).

Partindo da necessidade de toque que o ser humano apresenta, julgasse importante nos anos iniciais apresentados neste trabalho, a utilização de materiais concretos como: alfabeto móvel, fichas, jogos e todo material que chame a atenção visual, devem ser usados para o desenvolvimento no processo de construção do conhecimento.

Segundo Davis e Oliveira(1994, p.44)

Neste período de desenvolvimento o pensamento operatório é denominado concreto porque a criança só consegue pensar corretamente nesta etapa se os

exemplos ou materiais que ela utiliza para apoiar seu pensamento existem mesmo e podem ser observados. A criança não consegue ainda pensar abstratamente, apenas com base em proposições e enunciados.

É necessário propor atividades diversas que explorem o visual, o tato, o lúdico, atividades bem planejadas com o objetivo de proporcionar o avanço no processo de alfabetização.

Segundo Teberosky e Colomer, há uma possibilidade infinita de atividades que podem ser trabalhadas e exploradas no processo de aprendizagem, tudo depende do objetivo que se pretende alcançar em cada caso. Independente do tipo de atividade é importante fugir da rotina oferecendo diversas possibilidades de ampliação da leitura, através de atividades diversificadas.

As atividades lúdicas muitas vezes são confundidas com atividades agitadas, barulhentas e desorganizadas, no entanto as mesmas podem acontecer de forma organizada, com o propósito de alcançar um objetivo educativo e alfabetizador. O brincar é uma atividade espontânea da criança, que lhe dá prazer e pertence ao seu mundo.

Explorar atividades lúdicas no processo educacional pode desenvolver diversas habilidades. Os jogos ajudam a desenvolver o convívio social. As regras e as histórias ajudam a dar contexto a situações abstratas que trabalham com valores éticos. As dramatizações ajudam a desenvolver habilidades de comunicação e o artesanato é importante para o desenvolvimento estético.

De uma forma geral, toda atividade lúdica propicia ao aluno a participação ativa no processo ensino-aprendizagem, permite alcançar diversos objetivos, desenvolve habilidades em diversas áreas, propicia o exercício do aprender fazendo, e aumenta a motivação em participar das atividades escolares.

Segundo Dohme (2008, p.113)

As atividades lúdicas podem colocar o aluno em diversas situações, onde ele pesquisa e experimenta, fazendo com que ele conheça suas habilidades e limitações, que exercite o diálogo, a liderança seja solicitada ao exercício de valores éticos e muitos outros desafios que permitirão vivências capazes de construir conhecimentos e atitudes. Quais, como e quando usar estes instrumentos lúdicos é tarefa do professor, que determinará os objetivos e o planejamento de como irá alcançá-los.

Tendo por base o enfoque construtivista, a proposta de trabalho é que o melhor tipo de intervenção ocorre quando o professor apresenta tarefas onde há um problema para resolver, apresentando assim, situações-problema. A situação- problema é uma situação que coloca ao sujeito a necessidade de selecionar os procedimentos adequados para alcançar um objetivo.

Segundo Teberosky e Colomer “Através dessas situações-problema o professor pode observar todo o processo de aprendizagem no seu desenvolvimento e cooperar com ele” (TEBEROSKY, COLOMER, 2003, p.98).

É importante que o professor proponha atividades que levem o aluno a reflexão, para que ele possa formular suas

hipóteses e avançar na construção do seu conhecimento. As intervenções feitas com questionamentos sobre aquilo que o aluno está produzindo, além de levar a reflexão, dão significado e sentido à atividade proposta, pois aluno não irá apenas copiar ou reproduzir, mas irá pensar sobre atividade que está fazendo, tentando encontrar uma solução adequada para o desafio que está a sua frente.

Ainda dentro de um enfoque construtivista, e apesar da silabação ser bem trabalhada no método tradicional, Teberosky e Colomer, justifica de uma forma construtivista a utilização das sílabas quando diz: “Do ponto de vista construtivista, a segmentação silábica, que serve para escrever ,vê-se apoiada pela notação externa da escrita e é reforçada pela denominação das letras e pela própria atividade de escrever”(TEBEROSKY, COLOMER, 2003 p.115).

Baseados nesta teoria entendemos que não é a segmentação silábica em si o que ajuda no processo aprendizagem da escrita, mas sim a segmentação silábica suportada pela escrita. E que a segmentação em fonemas, feita sem o apoio da escrita não antecede de forma espontânea, os níveis alfabéticos no processo de aprendizagem da escrita.

Desta forma, propor atividades para a formação de palavras com letras móveis, dividir as palavras em sílabas e propor a formação de novas palavras a partir das mesmas sílabas, são atividades que ajudam a criança a formar suas hipóteses com relação à escrita, e avançar neste processo.

Uma vez que é necessário diversificar as atividades, trabalhar em um contexto atual, lúdico, e de interesse da criança, é importante lembrar que estamos vivendo o era digital.

O giz e a lousa, assim como o lápis e o papel, não são mais os recursos suficientes para uma sala de aula. Estamos vivendo em um mundo globalizado, as redes sociais expandem cada dia mais, a tecnologia já domina o mundo financeiro e as transações comerciais, a distância física já não significa uma barreira para que as pessoas se comuniquem, não só por recurso auditivos como o telefone, mas as imagens pode ser transmitidas por vídeo conferência, chamadas de vídeo, e recursos tecnológicos similares, tudo isso em tempo real.

Uma vez que a maioria das pessoas faz uso dos recursos tecnológicos no seu dia a dia, porque não fazê-lo também dentro da escola. Os recursos tecnológicos, assim como os ambientes virtuais, constituem uma eficaz ferramenta no processo de alfabetização.

Mas não basta ter a ferramenta, é necessário saber usá-la. O uso da tecnologia não garante a aprendizagem. Apenas disponibilizar aparelhos tecnológicos na sala de aula, sem um planejamento das atividades a serem realizadas, não trará bons resultados, pois os jogos que as crianças tanto gostam, geralmente pouco contribuem para desafios e reflexões sobre a leitura e a escrita.

Beatriz Santomauro na revista on line Nova Escola (2013) declara:

Mesmo quem não sabe ler e escrever, acredite, pode enfrentar o computador em atividades com foco na alfabeti-

zação. Afinal, muitas crianças aprendem as letras em um teclado e todas podem usá-lo para grafar palavras da maneira que sabem, mesmo que não seja convencionalmente.

Esta declaração da autora está embasada em Teberosky (2004) que diz:

...diante do teclado o aluno usa as duas mãos para digitar e, em vez de traçar grafias, deve escolher umas das opções para apertar, estão à disposição dele todas as letras possíveis para compor uma palavra (um conjunto finito com uma disposição diferente da alfabética). As peculiaridades continuam: o computador permite relacionar as letras impressas no teclado com as imagens que aparecem na tela e escolher formatos variados (Teberosky, 2004 apud SANTOMAURO, 2013).

Não se pode atribuir à tecnologia a solução para o problema de dificuldade de aprendizagem, no entanto, a mesma pode colaborar no sentido de promover práticas que levem a alfabetização. Além disso, o uso da tecnologia no processo de aprendizagem torna mais acessível uma grande diversidade de textos, garante mais autonomia ao aluno, e ainda reforça para o mesmo a idéia de que o livro ou o professor não são a única fonte de informação.

O uso da tecnologia de forma bem feita e planejada com intervenções adequadas feitas no momento certo, juntamente com o bom uso de outros recursos, pode trazer bons resultados no processo de alfabetização, pois levam a criança a refletir sobre o sistema de escrita.

CAMINHOS DA INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA

As intervenções foram realizadas com quatro crianças, sendo três que freqüentam o 1º ano e uma no 2º ano do ensino fundamental, todas matriculadas em diferentes EMEFs da zona leste da cidade de São Paulo. Os nomes das crianças serão mantidos em sigilo, e serão usados nomes fictícios, respectivamente: A, B, C e D a da sol é de Guarulhos

No ambiente educacional há diversos fatores que influenciam o processo de aprendizagem, sabemos que cada aluno possui um tempo de aprendizagem, alguns aprendem muito rápido, outros de uma forma lenta e alguns muito devagar, mas o mais importante é que todos são capazes de aprender. Pensando nessa afirmativa analisando o ambiente de uma escola municipal, em uma sala de 30 alunos, constatamos através de observações, diálogo com a professora e verificação no material do aluno A matriculado no 1º ano, que ainda no segundo semestre apresentava uma grande dificuldade no processo de alfabetização, ele apresentava hipótese de escrita silábica sem valor sonoro, relacionando as competências básicas estabelecidas pelo Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola e concepções pedagógicas da professora iniciamos 6 planos de intervenção, os quais visavam progresso na escrita convencional, leitura ainda que não convencional, verificação, antecipação de significados de um texto escrito, autonomia na escrita e inferência para chegar ao nível alfabético.

O conhecimento do alfabeto é fator fundamental para o caminho da escrita, visando identificar o quanto sabia sobre

o alfabeto, a primeira intervenção foi realizada apresentando a ele todas as letras com desenhos que representavam as iniciais, tentando fazer com que ele relacionasse as figuras, ao final do processo obtive 100% de progresso referente a esse objetivo.

Apesar de já ter o conhecimento das letras, como o aluno ainda não conseguia fazer uma leitura concreta das palavras, para que ele passasse a ter uma noção e despertasse seu interesse pela leitura, na segunda intervenção foi apresentado um joguinho de memorização, já que ele relacionava as letras iniciais, o jogo ficou fácil, porém, com a apresentação das palavras completas o aluno começou a reparar na escrita geral, assim, para verificar se ele havia realmente associado às sílabas na formação da escrita, comecei minha terceira intervenção.

A verificação como tema da 3ª intervenção ocorreu com outro joguinho, o dominó, nessa atividade ao reparar que o aluno em questão corrigiu sua colega que já apresentava hipótese silábica com valor desde o primeiro semestre, percebemos que nosso objetivo havia sido alcançado.

Para aperfeiçoar sua escrita começamos a trabalhar algumas palavras com sons parecidos, pedindo para que ele trocasse as letras com sons similares, exemplo B pelo P, C pelo G, o M pelo N, entre outras. Para essa atividade achamos interessante a ajuda dos próprios colegas, formando um ambiente menos formal, buscando uma pedagogia autônoma entre amigos.

Continuando a didática anterior, foi aplicada a quinta intervenção com o diferencial de buscar a autonomia do aluno em questão, e não, entre amigos. Para isso, utilizei cruzadinhas com explicações iniciais o deixei a vontade para tentar fazê-las e ao final estava tão compenetrado no que fazia chegando até a repreender--nos quando tentávamos intervir para facilitar seu desenvolvimento, afastando pensamentos negativos expressados inicialmente.

Finalizando as intervenções, para concluir que as atividades propostas influenciaram de forma positiva, em um ambiente amplo que induzisse o campo exploratório em compartilhamento com seus colegas, foi o primeiro a encontrar uma das quatro palavras que havia espalhado no parque, seguindo nossas orientações em relação a primeira atividade que trabalhamos nas intervenções, associou o ambiente a palavra conseguindo ler de forma pausada e irregular, a maior delas “ESCORREGADOR”.

Hoje o aluno ainda não é alfabético, mas, já possui hipótese de escrita silábico com valor.

O aluno B é uma menina de sete anos matriculada no 2º ano, que apesar de freqüentar as aulas de reforço paralelo da escola, encontrava dificuldade em acompanhar o desenvolvimento da sala estando na hipótese silábica com valor sonoro, conforme conseguimos constatar na primeira sondagem aplicada com a criança.

Propomos então uma atividade com várias figuras, sendo que para cada figura havia três opções de escolha de palavras. O objetivo era identificar se a criança conseguia relacionar as figuras com

as palavras, a criança realizou a atividade corretamente. Em seguida propomos uma atividade que se divide em suas folhas, onde são apresentadas figuras e na sua frente está escrito o nome da figura, porém com as sílabas fora de ordem, a proposta da atividade é que as sílabas fossem colocadas na ordem correta formando assim o nome da figura. Nesta atividade a criança apresentou dúvidas, neste momento entramos com o questionamento com o objetivo de promover a reflexão sobre o som das sílabas trabalhadas. O questionamento teve sucesso, pois levou a criança a pensar e realizar a atividade corretamente.

Na segunda intervenção não alcançamos sucesso, pois a atividade apresentava as figuras com o nome na frente, mas com as letras fora de ordem, o insucesso da atividade se deu pelo fato da criança associar um letra para cada som, por isso não conseguiu organizar as letras para formar as palavras.

Propomos então uma terceira intervenção também sem muito sucesso, uma cruzadinha onde a criança acertou poucas palavras, resolvemos então que as próximas atividades seriam todas de um mesmo campo semântico(animais), e com o objetivo de identificar as sílabas dentro das palavras e o som das mesmas.

No próximo encontro apresentamos uma atividade para associar os nomes dos animais às figuras correspondentes, depois fichas com os nomes dos animais com as sílabas em cores diferentes, após a leitura das fichas cortamos as mesmas dividindo e misturando as sílabas e propondo à criança que formasse os nomes dos animais trabalhados e também novas palavras que propomos. Durante a atividade fazíamos questionamentos referentes ao som das sílabas para levar a criança à reflexão da segmentação silábica. Os questionamentos levaram a criança a refletir e concluir a atividade com sucesso.

Na quinta intervenção a proposta foi uma cruzadinha com o nome de animais junto com um banco de palavras, a crianças usou a estratégia de contar o número de letras de cada palavra para descobrir onde elas se encaixavam na cruzadinha. Em seguida apresentamos as fichas com o nomes dos animais com as sílabas em cores diferentes, e a proposta de juntar as sílabas para formar os nome dos animais e depois formar novas palavras com as mesmas sílabas, tudo isso apoiado em questionamentos sobre o som das sílabas, mais uma vez a atividade teve sucesso pois a criança parou para refletir com os questionamentos e realizou a atividade.

No sexta intervenção outra cruzadinha com animais, mas desta vez no banco de palavras havia outra palavras parecidas com os nomes dos animais, como pato, pano, girafa, girada, assim a criança não consegui usar o recurso de contar as letras para ver onde se encaixavam. A partir daí começamos a questioná-la, por exemplo: com qual letra começa pato, e a próxima letrinha qual será, e agora qual letrinha para formar o TO? Desta forma a criança conseguiu concluir a atividade corretamente, e ao final apresentamos as fichas com os nomes dos animais e propomos a leitura de cada ficha.

O avanço que notamos na última sondagem foi que o valor sonoro que apa-

recia mais nas vogais, agora aparece mais nas consoantes, mas durante as atividades percebemos que os questionamentos a respeito do som das sílabas dentro das palavras, e sobre quais letras usar para formar o som daquela sílaba, levaram a criança à reflexão, e deram suporte para que ela conseguisse realizar as atividades propostas.

O aluno C é uma menina de sete anos matriculada no 1º ano, com dificuldade em acompanhar o andamento da sala. A primeira atividade foi uma sondagem no campo semântico aniversário utilizando as palavras: brigadeiro, palhaço, bolo e som. Das quatro palavras ela conseguiu fazer uma palavra certa bolo, constatamos que ela estava na hipótese pré- silábico.

Na primeira intervenção foi leitura de um texto festa de aniversário depois aplicamos uma atividade para marcar um X no que começa com a letra B. Resolvemos usar caixinhas de leite com as letras coladas, espalhamos as caixinhas com as letras, para que ela procure é ponha letra por letra até formar a palavra, o objetivo desta atividade é reconhecimento das palavras que começa com a letra B .

Na segunda intervenção passamos uma cruzadinha que tem o desenho e as setas indicando a palavra para escrever. Para nossa surpresa conseguiu realizar quase tudo só errando a letra N de Boneca e a letra E. Objetivo desta atividade é desenvolver habilidade, estimular o campo da memória.

Resolvemos utilizar também os recursos tecnológicos, utilizamos um tablet que possibilitou utilizar o alfabeto melado que ao passar o dedo na letra B, por exemplo, canta uma musica em seguida aparece várias palavras que começa com B.

Resolvemos dar um ditado recortado. Ela conseguiu fazer a maior parte do exercício, porém ela colocou os nomes nos lugares errados. Perguntamos se ela estava vendo algum erro ela e sorriu e disse que não tinha percebido, assimilando a primeira e a última letra para ler. Objetivo de todos os trabalhos é fazer a aluna refletir enquanto está fazendo as atividades.

Nesta quarta intervenção resolvemos sentar com a aluna e conversar sobre o dia na escola, depois apresentamos um desenho para ela pintar, em seguida espalhamos várias letras diferentes e colocamos um desenho de bule, um desenho de toalha e um olho de plástico, nesta proposta o nosso objetivo é ver as letras que ela conhece.

Na quinta intervenção pedimos para escrever o nome dela numa folha e depois riscar a primeira letra do nome dela e com a mesma cor riscar as demais, o objetivo desta atividade é reconhecimento das letras do seu próprio nome, pois as vezes ela escrevia o próprio nome errado.

Preparamos uma atividade para ligar os nomes de acordo com os desenhos e a separação das silabas, conseguiu fazer a atividade de ligar os nomes já na separação das sílabas ela não atingiu o objetivo.

Analisando a última sondagem, houve certo avanço na escrita, porém não mudou de nível e precisa ser mais trabalhado, pois cada criança tem seu tempo de aprendizagem.

No caso da aluno D, uma menina

de seis anos, matriculada no 1º ano do ensino fundamental, concluímos através da sondagem que ela se encontrava na hipótese silábica com valor sonoro, fazendo uso de letra coringa.

A primeira atividade proposta foi o texto da música A Barata, no começo ela teve dificuldade de segmentar as palavras, a intervenção foi feita de forma lúdica cantando e parando a cada palavra, com o objetivo de compreender a função dos espaços em branco na segmentação de palavras.

Na segunda intervenção, usamos a trilha do alfabeto, no começo ela não conseguiu atingir os objetivos somente quando apresentamos de uma forma lúdica que ela obteve entendimento, compreendendo assim, a sequência alfabética.

Partimos para uma terceira atividade usando uma cruzadinha com palavras iniciadas com B e P para que ela percebesse a diferença sonora destas letras. A intervenção foi feita usando o silabário e também letras móveis, chamando a atenção para o som das letras ao abrir e fechar a boquinha.

Na quarta atividade foi contada para a criança a história do Pinóquio e depois um caça palavras com as palavras do conto, usamos ficha para promover a percepção da junção das palavras desta maneira atingiu os objetivos.

A quinta intervenção aplicada foi o rolo silábico, o objetivo era trabalhar a construção de palavras, esta atividade além de agradável, ajuda a compreender através do concreto, auxilia na formação da imagem mental de uma forma que os alunos entendam. Ela no começo não conseguiu o objetivo, a nossa intervenção foi colocar primeiro o desenho no rolo silábico e com o auxilio do silabário pedíamos para ela fazer a junção das letras formando as palavras, desta forma ela conseguiu atingir os objetivos.

Na sexta intervenção realizamos uma atividade de escrita de acordo com as figuras, objetivo: identificar as palavras de acordo com as figuras e conhecer as sílabas iniciais e a sua forma de escrita. A criança teve apresentou muitos erros, como Intervenção usamos fichas de leitura escondida mostrando de duas em duas as letras formando as palavras pedindo que ela tentasse ler sendo assim conseguiu atingir o objetivo.

Foi feita a ultima sondagem onde ela teve evolução de silábica com valor para silábica alfabética.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através da realização deste trabalho, podemos concluir que as dificuldades de aprendizagem são um fator comum presentes no processo de alfabetização durante o 1 º ciclo do ensino fundamental, essas dificuldades derivam de diversos fatores, como o convívio social, o desenvolvimento cognitivo, o apoio familiar, a estrutura política do governo, e o papel da escola. Mas nenhum desses fatores oferece ao educador respaldo para estigmatizar o aluno como um indivíduo que não tem condições de aprender.

Com base nas pesquisas realizadas, e no conteúdo teórico abordado, podemos chegar à conclusão que cada criança tem o seu tempo e forma de aprendizagem, nem todas aprendem no mesmo

tempo e da mesma forma, no entanto, todas aprendem.

Por isso cabe ao professor organizar e planejar estratégias que propiciem o aprendizado de todos, e não somente oferecer atividades que avance a aprendizagem de quem já sabe, excluindo aqueles que apresentam dificuldades.

Atividades bem planejadas, significativas, que explorem o conhecimento prévio da criança no sentido de ampliá-lo. Atividades lúdicas que motivam a participação do aluno, desenvolvem habilidades e permitem alcançar objetivos diversos. Propostas diversificadas que saiam da rotina e permitam o avanço do aluno no processo de aprendizagem.

O giz e a lousa não podem ser mais os únicos recursos usados pelo professor, jogos, brincadeiras, recursos tecnológicos, músicas, contos, materiais concretos como letras móveis, fichas, são alguns dos diversos materiais que podem ser usados no processo de alfabetização. No entanto, estes recursos se utilizados sem planejamento e sem objetivo, não trarão bons resultados, pois não é o recurso em si que traz o resultado, mas sim a forma como é utilizado pelo professor.

Por isso, cabe ao profissional da educação se aperfeiçoar e buscar conhecimento para que possa elaborar atividades bem planejadas e com objetivos específicos a serem atingidos. Propostas de trabalho significativas e que levem o aluno a reflexão e não apenas a memorização.

Por mais que existam dificuldades no processo de alfabetização, nada justifica a rotulação de um aluno como incapaz de aprender, cada um tem seu tempo e seu modo de aprender novos saberes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, José Juvêncio. Alfabetização e Leitura. São Paulo: Cortez, 1994.

DAVIS, Claúdia. ; OLIVEIRA, Zilma. Psicologia na Educação. São Paulo: Cortez, 1994.

DOHME, Vania. Atividades Lúdicas na Educação: o caminho de tijolos amarelos do aprendizado. Petrópolis: Vozes, 2008

FERREIRO, Emília. ; TEBEROSKY, Ana. Psicogênese da Língua Escrita. Porto Alegre: Artmed,1999.

GARCIA, Regina Leite. Aprender desaprendendo: Fazendo Artes. Brasília: 1988.

MIRANDA, Maria Irene. Problema de aprendizagem na alfabetização e intervenção escolar. São Paulo: Cortez, 2008.

NOVA ESCOLA. 13 perguntas e respostas sobre computadores na pré-escola. Disponível em HTTP:// novaescola.org.br/ Acesso em 03 NV 2017.

TEBEROSKY, Ana. ; COLOMER, Teresa. Aprendendo a Ler e a Escrever: uma proposta construtivista. Porto Alegre: Artmed, 2003.